

AGENDA

Luciane de Araújo Batista

Ao tempo em que Freud, durante toda sua obra, coloca a reconstituição da história do sujeito como a essência do processo analítico, a abordagem do passado pela psicanálise é de natureza muito particular. Freud, no seu artigo "Construções em Análise", levanta questões sobre as ambigüidades relativas à definição, natureza e função do passado; compara o trabalho do analista ao de um arqueólogo, que, a partir dos restos encontrados nos escombros, reconstrói partes de uma cidade soterrada. O analista assim procede quando extrai suas inferências a partir de fragmentos de lembranças, associações e comportamentos do analisante. Surge então a questão de saber que garantia o analista tem ao trabalhar com essas construções, que são na verdade conjecturas, ao que Freud responde, que, em termos terapêuticos, tais construções produzem os mesmos efeitos de uma lembrança recapturada.

No Seminário I, Lacan retorna aos Escritos Técnicos de Freud, ressaltando que o revivido exato – que o sujeito se lembre de algo como sendo verdadeiramente dele – não é o essencial. O essencial é a reconstrução no presente do passado, afirmando que *"a história é apenas uma síntese presente do passado"*. Numa análise, trata-se, portanto, menos de lembrar do que reescrever a história.

Ainda nesse Seminário, Lacan interroga o caráter ambíguo do lembrado ou revivido em relação a sua verdade factual e amplia essa interrogação para todo o discurso produzido pelo analisante a partir da regra da associação livre; critica a prática de analistas da época, que colocam,

Texto elaborado por Luciane de Araújo Batista
IX Jornada do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise

www.traco-freudiano.org

Revista Veredas

como finalidade de uma análise, que o analisante se desloque de uma visão fantasiada para uma visão realista do mundo e se pergunta se a concepção particular de mundo de cada analista pode servir de medida na análise; conclui esse capítulo, afirmando que o analista na sua escuta deve desprender-se das preocupações com a verdade factual do que é dito pelo analisante e voltar-se para o seu dizer. A questão crucial torna-se, portanto: qual a verdade do sujeito do discurso e não, qual a verdade do discurso do sujeito? Nessa perspectiva o sujeito psicanalítico não é o sujeito da consciência e da razão, mas o sujeito do inconsciente. Sujeito efeito das falas que o constituíram e que o habitam.

Diante da forma enfática como Lacan se empenha, nesse seminário voltado para a releitura dos Escritos Técnicos de Freud, em recolocar o foco da análise na escuta do sujeito do inconsciente e suas produções, ocorreu-me pensar sobre a especificidade dessa escuta, que exige do analista se desprender da sua própria lógica e do seu próprio desejo, para se surpreender diante da evanescência e dos disfarces das produções desse sujeito do inconsciente. Sujeito que fala e não sabe o que diz, repetindo falas que recebeu dos outros. *"Ele não sabe o que diz"*, não porque não queira saber, mas porque é presidido por uma cadeia simbólica, a linguagem, na qual está inserido ou foi inserido, onde foi jogado em diversas combinatórias.

Escutei durante muito tempo um analisante que falava repetidamente, desde a primeira sessão: *"Faço todos os dias minha agenda, registrando as atividades a cada hora."* A recorrência e insistência com que Saulo trazia esse tema para sessões subseqüentes, falando do quanto planejava e esquadrihava seu tempo, na tentativa de abrir espaço para seu próprio

desejo na agenda, chamava-me a atenção: “Não consigo caber na minha agenda, não tenho tempo para mim, estou sempre apressado e atrasado”.

Sabemos que, ao nível da clínica, o que insiste e se repete é o sintoma, que representa o sujeito incapaz de outra forma de expressão. Abordar a questão do sintoma é entrar no campo da linguagem, porque Freud nos indica que é nesse nível que o devemos considerar. Como ele lembra, nos *Estudos sobre a histeria*, o sintoma tem *sua palavra a dizer*. O sujeito diz pelo sintoma, por não poder dizer de outra maneira. Podemos deduzir disso que o sintoma como *palavra a dizer* pede para ser ouvido. A repetição do sintoma é o signo da insistência desse “apelo”. Como Freud sublinha, *encontramos, nessa insistência, a persistência obsedante de reminiscência cujo retorno pede uma descarga*. Repetição dolorosa. Insistência da cadeia significante, insistência do inconsciente, nesse movimento de retorno do recalado, que obriga o analisante a repetir, para além dos mecanismos de harmonização e homeostase do eu. Usando as palavras de Lacan, *“Eis o que é preciso repetir para além do princípio de prazer: a mensagem como discurso interrompido que insiste”*.

“Esse menino vai dar trabalho”, preconizou o pai diante da notícia do nascimento de Saulo. Reclamou com a mãe: “Você não podia engravidar. Já temos três filhos, não somos mais jovens. Não temos tempo para mais um filho. Este menino vai dar trabalho”. Aprisionado nessa fala fundadora do pai, Saulo cresceu, e, à época que procurou a análise, queixava-se de ser escravo do trabalho. Na sua agenda só cabia trabalho. Afastava-se de suas atividades profissionais somente quando esgotado de cansaço e costumava dizer que não tinha tempo para brincar.

Texto elaborado por Luciane de Araújo Batista
IX Jornada do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise
www.traco-freudiano.org

Revista Veredas

A criança antes de vir ao mundo dos objetos e das coisas, o mundo da linguagem já o espera, reservando-lhe falas fundadoras que o constituirão sujeito de desejo. Essas falas fundadoras são repetidas pela pessoa ao longo de sua existência, ainda que não saiba de onde vêm. As repetições são inscrições languageiras que deixaram marcas no falante e foram transmitidas pelos pais e familiares. Elas não só constituíram o sujeito como símbolo, mas o constituíram em seu ser. Recebem tais inscrições que define sua posição no mundo, determinando toda sua existência. O sujeito falará, portanto, o que lhe foi falado, e que faz eco em seus pensamentos. As falas habitam o sujeito, proveniente dos diversos desejos caóticos que formam e deformam uma vida.

A insistência repetitiva da cadeia significante ultrapassava a dimensão da fala de Saulo e se manifestava no âmbito da relação transferencial. Nunca faltava, chegava antes da hora e até propôs pagar antecipadamente suas sessões no início do mês, demonstrando sua insegurança e necessidade de **garantir seu espaço** na minha agenda.

Saulo se submeteu a uma longa análise onde pôde trilhar sua cadeia de significantes pela via do dizer, reconhecer o que lhe pertencia e tomar posse ou não dessas heranças languageiras, analisando-as no que lhe cabe, no que deve fazer com o que lhe foi repassado sem que tenha pedido. Ampliou muito seu espaço de desejo na agenda, conseguindo incluir nela outras atividades além do trabalho. Corre menos na vida, desde que percebeu que corria para se incluir na agenda do pai, para magicamente “apagar” esse fato doloroso da sua história.

Texto elaborado por Luciane de Araújo Batista
IX Jornada do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise
www.traco-freudiano.org

Revista Veredas

Até o final de sua análise, entretanto, o tema "agenda" nunca foi excluído definitivamente das suas sessões. Ele ainda retornava à agenda, com uma frequência muito menor, para contar cada nova conquista na ampliação do seu espaço de desejo.

Com base no que a psicanálise nos ensina sobre a repetição, a "agenda" deverá persistir como questão importante na vida de Saulo, mesmo que não seja mais um tema angustiante, pois, para além do aspecto contingente da repetição que podemos detectar nos sintomas, sabemos que toda repetição fracassa na tarefa de reprodução do mesmo, tarefa impossível em razão da própria estrutura do aparelho psíquico.

Freud, já nos Estudos sobre Histeria, afirma: *"Há sempre, necessariamente, uma diferença entre o que podemos chamar de a impressão mnêmica original e a lembrança que vem depois, referente a essa primeira imagem"*. Essa lembrança não pode ser repetição fiel da impressão recebida outrora. Ele nos indica que *as lembranças jamais entram na consciência, contudo, sem ser modificadas*. Essa questão da repetição como repetição das diferenças também pode ser pensada como consequência do processo de recalçamento. As diferenças se devem, em última análise, ao caráter inabordável do recalçado. Em outras palavras, o movimento de repetição procura sempre os traços desse caminho impossível.

Freud, no final de sua obra, dará um outro estatuto à compulsão à repetição como um fato de estrutura e, como tal, insuperável. Ela já não se situa apenas no campo do patológico, sendo antes considerada enquanto fazendo parte da estrutura do sujeito em geral. Como podemos

Texto elaborado por Luciane de Araújo Batista
IX Jornada do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise
www.traco-freudiano.org

Revista Veredas

perceber na trajetória teórica de Freud, as diferentes formulações sobre o conceito de repetição dão lugar a diferentes concepções sobre o tratamento psicanalítico e à idéia da cura. Esse percurso vai desde a concepção de que, pela descoberta do recalco, a psicanálise poderia fazer cessar essa repetição, até a conclusão de que essa repetição é constituinte/constitutiva do sujeito. O sintoma cessa de se inscrever, mas a repetição associada à estrutura não.

Até o fim de sua vida, Freud se apegou com muita firmeza às posições que expusera em 1920 no artigo "Mais-além do princípio de prazer". É a herança desse conceito que ele leva até as últimas conseqüências. De fato, Freud nos revela a singularidade da experiência psicanalítica que, em nenhum caso, deve ser confundida com o ideal otimista de cura e o *furor curandi* que Freud não cessou de denunciar. A repetição nos obriga a considerar uma outra via de trabalho, pois, como Freud o afirmava em um de seus últimos textos, "Análise terminável e interminável", não podemos nos desembaraçar por completo dessas manifestações residuais. Assim numa análise, não se trata tanto de alterar, mas de contar uma história, para quem sabe, poder recontá-la num outro tom.

No Dicionário Enciclopédico de Psicanálise, Pierre Kaufmann ressalta a tese de Freud de que não podemos conceber o sujeito sem pensar numa *entropia psíquica*. Haverá sempre esse inevitável da repetição, constitutiva do sujeito. "Podemos chamá-la, tomando emprestada uma expressão de Freud, "os dragões do tempo originário".

A "agenda" significativa do desejo é um traço indelével na vida de Saulo. Traço que remete ao drama da sua existência e do seu reconhecimento

Texto elaborado por Luciane de Araújo Batista
IX Jornada do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise
www.traco-freudiano.org

Revista Veredas

como sujeito. Traço marcado por um desejo tão forte de se inscrever que me impulsionou a escrever esse trabalho.

"Esse menino vai dar trabalho". Saulo consegue permanecer na minha agenda para além da sua análise e garantir a inscrição do seu "traço" numa escrita. Escrita que nos ultrapassa, que se opõe ao fluir do tempo e que, por isso mesmo, tem o poder de eternizar uma inscrição.

Texto elaborado por Luciane de Araújo Batista
IX Jornada do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise
www.traco-freudiano.org

Revista Veredas